



evangelizar

a voz da mulher na missão

hoje

N.º 155 Abril | Junho · 2026 | Trimestral

Páscoa – Da Cruz à Luz

Os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram na roupa dele e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, excepto a túnica» (cf. João 19, 25-27).

Jesus crucificado viu os soldados rasgarem a sua roupa e reparti-la entre eles; era tudo o que lhe havia sobrado daquela noite trágica, de torturas; o Seu corpo nu e dilacerado ficou exposto à infâmia dos inimigos. O Senhor Jesus, considerando que tudo lhe fora tirado, oferece o dom mais precioso que ainda possui: a sua Mãe!

MULHER, EIS O TEU FILHO!

Junto à Cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que ele amava, disse à mãe: Mulher, eis o teu filho! Depois, disse ao discípulo: Eis a tua mãe! E, naquela hora, o discípulo acolheu-a como sua (João 19, 25-27).

A única riqueza que Jesus ainda possui é a sua mãe que o chora e um amigo que o conforta. Jesus cumpre então um ato autêntico, livre e intencional, entregando-os um ao outro. É o seu testamento a partir da sua morte que permanecerá sempre disponível: sangue e água brotarão do seu coração.

A NOVA FAMÍLIA DE DEUS

As últimas palavras de Jesus na Cruz são, portanto, dirigidas à Sua Mãe e ao discípulo amado. Na pessoa de João, o Secundogénito Filho de Deus e de Maria, cada um de nós entra a pertencer, por direito, à grande multidão de irmãos e de irmãs de Jesus, vindos de todas as nações, povos, línguas, raças e culturas.



Da Cruz, Jesus manda o Seu Espírito como garantia de que a Sua Missão de Amor atingirá os extremos confins da terra.

As Palavras de Jesus da Cruz são o testamento da hora derradeira, projetando os discípulos para além da Páscoa da Ressurreição e apontando o caminho que conduzirá à origem da Sua Igreja.

Maria não é apenas a Mãe de Deus, Ela é a Mãe de todos nós. Ela é a Mãe divino-humana da Igreja Universal. O legado de Jesus é a Mãe.

É o Filho Primogénito quem estabelece esta aliança, no lugar onde a Mãe e o Secundogénito permanecem de pé, unidos na mesma Dor e no mesmo Amor.

O discípulo amado convida-nos a fixar o olhar no Senhor Crucificado e Glorificado: *Vede que Amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos chamarmos filhos de Deus; e realmente o somos!... Quando Ele se manifestar seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é* (cf. 1 João 3, 1-2).

Ele é a Nuvem de fogo sobre aqueles que marcham pela noite fora! Ele mostra-lhes o caminho certo até chegarem à Presença de Deus-Pai! Ele é o novo Esplendor da terra que nos trouxe a alegria em flor!

*Ó Senhor Jesus Cristo,
sois a Luz que não se extingue,
sois o Fulgor da Eternidade,
Vinde Jesus, Habitação da Glória,
Cantamos vossa vinda Gloriosa! (Liturgia).*

Irmã M^a do Carmo Bogo | Tlm.: 969 674 952
mariadocarmobogo@gmail.com | www.comboniane.org



Haiti: «Onde o mundo vê ameaças, nós vemos crianças»

As Irmãs Missionárias Combonianas chegaram ao Haiti em 2010, integrando uma comunidade intercongregacional organizada pela CLAR (Conferência Latino-Americana da Vida Religiosa) para prestar assistência material e espiritual logo após o grande terremoto.

Uma vez superada a emergência, tornou-se evidente que a comunidade intercongregacional das Irmãs tinha condições para oferecer algo mais: começou então a acompanhar pessoas deslocadas, deportadas e migrantes. Inicialmente, trabalhou em estreita colaboração com o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS), concentrando-se nos deslocados pelo terremoto; posteriormente, passou a dar atenção aos «deportados», os haitianos repatriados da vizinha República Dominicana.



Missão entre fronteiras

Em 2021, após o assassinato do presidente Jovenel, gangues armados tomaram o controle da capital, Porto Príncipe. Devido à crescente insegurança e aos sequestros, a comunidade mudou-se para Anse-a-Pitres, na fronteira com a República Dominicana.

Desde 2023, a Ir. Luigia Coccia, missionária comboniana, integra a comunidade intercongregacional. Mora em Refugiés, um assentamento criado por haitianos deportados da República Dominicana, ficando apenas a 10 minutos de distância da fronteira.

Para conter a violência, em 2024 foi enviada pelas Nações Unidas uma missão internacional de apoio à segurança (MSS) para o terreno, de que não resultou qualquer melhoria significativa da situação.

«Nos últimos quatro anos», diz a Ir. Luigia, «aprendemos a viver a nossa missão “na fronteira”: com as pessoas que vivem “entre dois países diferentes”, Haiti e República Dominicana, atualmente em tensão. A maioria dos haitianos é considerada ilegal por não possuir documentos; nós também vivemos a dificuldade de obter documentos para cruzar as duas fronteiras de forma regular e legal. Tentamos compreender o que significa viver com um povo deslocado em fuga da violência dos gangues, cruzando a fronteira em busca de um futuro melhor, mas que na realidade continua a ser rejeitado ou deportado após ter vivido por vários anos, ou mesmo ter nascido, na República Dominicana.»

Ajudar a construir oportunidades

Segundo um relatório recente do Banco Mundial, o Haiti continua a ser o país mais pobre da América Latina e das Caraíbas, e um dos países mais pobres do mundo. O seu desenvolvimento é prejudicado pela instabilidade política, pelo aumento da violência e por níveis sem precedentes de insegurança.

A Ir. Luigia confirma: «estamos num contexto de extrema pobreza que não oferece oportunidades para construir um futuro. A maioria das pessoas está apenas à espera de poder sair do país. Além de responder a emergências humanitárias, a nossa missão é ajudar a encontrar oportunidades que dêem vida. Organizamos iniciativas de microcrédito com grupos de mulheres e participamos em projetos educativos.

Graças às bolsas de estudo, as crianças podem frequentar a escola e ser ajudadas nos programas extra-curriculares. Também implementamos cursos de alfabetização para adultos e damos aulas no Instituto das Irmãs Salesianas. Somos uma ajuda a construir oportunidades para que as pessoas não devam fugir e, ao tentarem atravessar fronteiras, sofram rejeição.»

Esta é a Igreja desejada pelo Papa Francisco e reafirmada pelo Papa Leão XIV: «A Igreja, como uma mãe, caminha com aqueles que caminham. Onde o mundo vê ameaças, ela vê crianças; onde se constroem muros, ela constrói pontes. [...] E ela sabe que em cada migrante rejeitado é o próprio Cristo que bate às portas da comunidade» (Dilexi Te, n.º 75).

Do Voluntariado à Vocação

Ano Internacional do Voluntariado, declarado pela Organização das Nações Unidas. Mas em 2026 celebra-se também o ano jubilar pelos 800 anos da morte de São Francisco de Assis.

O ano de 2026 foi, pela Organização das Nações Unidas, declarado Ano Internacional do Voluntariado.

Bom é, muito bom mesmo, que o tenha feito: que seria do tecido social sem esse contributo livre e generoso que tantos, de modo discreto, mas empenhado, continuamente dão? Que os que estão perseverem, que os que não estão se associem: nada de diferente se pode desejar!

Mas, por maiores que sejam – e são! – os serviços do voluntariado, não dão ainda a chave fundamental quanto àquele que há-de ser o empenhamento de cada um. Por «voluntariado», com efeito, designa-se aquele tipo de acção que, sem contrapartidas remuneratórias directas, se faz por própria iniciativa. Acção que se apresentaria com certo contraste com um outro modo de agir mais qualificado: o profissional, por isso, aliás, remunerado. O voluntariado seria muito relevante, mas não acima do nível da ocupação secundária, complementar, periférica, boa, mas não essencial, destino das horas vagas, não das melhores horas. De quem nada recebe pouco haverá a esperar...

Mas em 2026 celebra-se também o ano jubilar pelos 800 anos da morte de São Francisco de Assis.

O que nos coloca em reflexão. Em alternativa àquela distinção entre acção voluntária ou dedicação profissional, não oferece a vida cristã uma outra linguagem, que estilhaça aquelas primeiras demarcações? Cuidam os pais dos filhos em voluntariado? Profissionais também não são... Os que, à imagem de São Francisco, professam a vida religiosa, não se tornam com isso «profissionais» - ou não desejamos que se tornem... -, mas não são também simples voluntários. São Paulo, que de profissão era «fabricante de tendas», impulsional comunidades cristãs em regime de «voluntariado»? Parece fazer-se uma certa violência à realidade quando se lança mão de uma tal adjectivação.

O voluntariado é, sem dúvida, um grande bem na resposta ao bem maior que é assumir a própria vocação.



Foto: Catarina António FEC Fundação Fé e Cooperação

É a vocação que nos conduz para o campo das exigências incondicionadas, mobilizando todas as forças.

Com efeito, uma outra noção, para além do binómio voluntário-profissional, é aqui fundamental: vocação. É a vocação que nos conduz para o campo das exigências incondicionadas, para o que tem de ser feito e assumido, seja de que modo for, e que não pode merecer senão resposta afirmativa, mobilizando todas as forças – quem a vive, é inteiramente profissional quando é voluntário e é totalmente voluntário quando é profissional. A ponto de a distinção já nem interessar... Não é assim de pais para filhos? Não é assim na profissão religiosa? Não é assim na vida das nossas comunidades? Ou, pelo menos, não o deverá ser?

O voluntariado é, sem dúvida, um grande bem; mas não é ainda o grande bem. Aproveitando a coincidência destas duas celebrações, talvez se possa desejar: que o ano de 2026, começando no reconhecimento do grande bem que é o voluntariado, termine – à imagem do enorme, porque se fez pequeno, São Francisco – na resposta ao bem maior que é assumir a própria vocação.

Tiago Ramalho
(Leigo da Diocese do Porto)

Do Gêres ao Sudão do Sul

A história de uma vocação para além fronteiras

A Ir. Maria do Carmo Leite Carvalhal nasceu na Vila do Gerês, em Portugal, num local conhecido pela paisagem granítica das serras e dos vales profundos, uma espécie de «paraíso» que favorece o convívio com a natureza. O ambiente que a rodeava e a família terão imprimido nela aquela simplicidade natural e uma bondade genuína que reflete a sua forma de olhar os outros e a vida. Ingressou nas Irmãs Missionárias Combonianas em 1969. Professou em 1973. Partiu para a América Latina, onde permaneceu 23 anos na missão entre Equador, Perú e México. Desde 2005 que se encontra no Sudão do Sul, o país que na sua adolescência fez despertar nela o sonho de uma vocação missionária.

Publicamos aqui a conversa que com ela tivemos.

A história iniciou-se aos 14 anos de idade

Foi logo a partir da primeira comunhão que comecei a desenvolver um gosto muito especial por participar na Missa. Acalentava um desejo sincero de querer estar na intimidade com Jesus. Lembro-me de ser movida por uma consciência muito forte da existência do pecado em mim e no mundo, e procurava uma resposta para me libertar desse peso. Essa resposta chegou. Foi durante o meu primeiro retiro de Advento, orientado por um sacerdote jesuíta, em Braga. Conservo viva a memória desse 30 de novembro quando o tema de Jesus misericordioso me tocou de uma forma marcante. A emoção crescia dentro de mim na medida em que se desvendava à minha alma o grande mistério do perdão. Depois de me ter aproximado do sacramento da reconciliação, passei algum tempo a rezar diante do Santíssimo Sacramento. Esse momento traçou o rumo da minha vida. Lembro-me de ter balbuciado as palavras: «A minha vida é toda para ti, Jesus!». Tinha então 14 anos.

A partir dessa experiência de encontro com o Jesus da misericórdia fiquei apanhada por um grande fervor e queria comunicar a toda a gente. Deus é amor. Ele perdoa-te! Queria ser apóstola da misericórdia de Deus. Hoje acredito que na origem de toda a vocação que exige compromisso deve estar um encontro pessoal com Jesus e um enamoramento da sua Palavra.»

Que fazer a seguir?

«A semente do Evangelho tinha encontrado lugar dentro de mim, mas perguntava-me: e agora? Que



vou fazer com esta experiência? Fui contar às minhas amigas e, com elas, fomos oferecer voluntárias para trabalhar com os Vicentinos da nossa paróquia. Começámos a visitar os pobres e pedíamos aos ricos para nos ajudarem com os mais necessitados. Estava muito satisfeita por poder ajudar as pessoas da minha terra. Com as amigas sonhava construir um bairro com casas novas para substituir as casas dos pobres em ruínas, sem condições para serem habitadas. Éramos um grupo de amigas que sonhava exageradamente com altos ideais enraizados na experiência com Jesus. Ainda hoje, quando nos encontramos, falamos disso.»

Do serviço aos pobres à vocação missionária

«Comecei a perceber que esses sonhos, típicos da adolescência, tinham muito idealismo e que estavam distantes de se tornarem realidade. Mas a inquietação surgia de novo: o que posso fazer para ajudar os outros?»

Em 1965, durante um encontro de jovens na minha paróquia, em Rio Caldo, conheci o Pe. Manuel Pires da Silva, que tinha então sido expulso do Sudão. Pedi que levantassem a mão aqueles que desejassem ir em missão. Tinha apenas 15 anos e fui uma das poucas que optaram por não levantar a mão. Parecia-me estranho querer ir a países onde havia risco de sofrer violência ou até mesmo de perder a vida. Contudo, ao mesmo tempo, sentia uma mistura de curiosidade e de inquietação. Chegou depois o Irmão Comboniano Valentim Rodrigues à paróquia, e falou sobre as missões



durante a Missa. Procurava voluntárias para ajudar na venda de revistas e de livros missionários. Decidi tornar-me “zeladora comboniana” e divulgar a imprensa missionária, onde tive um ótimo desempenho, vendendo rapidamente. A varanda da minha casa converteu-se numa espécie de biblioteca, onde os meus amigos, que também apreciavam a leitura, se reuniam com o compromisso de ajudar na venda. Quando algumas pessoas não podiam pagar em dinheiro, ofereciam ovos, chouriças ou o que tinham em casa. A família e as vizinhas compravam esses bens e eu juntava para depois entregar.

O passo mais importante aconteceu quando o padre Comboniano, Emílio Franquelim, me fez conhecer as Irmãs que chegavam a Viseu, vindas de Itália, para abrir uma comunidade em Portugal. O encontro com a Ir. Carmela Franzese e a Ir. Francesca Marcantonio, expulsas do Congo durante a rebelião dos Simba, foi o momento decisivo.»

A Missão do Sul do Sudão continua a chamar por mim

«Fazendo uma leitura retrospectiva a partir do Sudão do Sul, reconheço que a fidelidade a uma vocação é sempre dom de Deus e uma resposta humana. Deus continua a querer-me aqui a participar no sofrimento deste povo, pois sinto ser este o lugar onde melhor posso testemunhar o Deus do amor e da misericórdia, que sempre deu sentido à minha vida.

Durante os meus 21 anos neste país, fui conduzida a partilhar o dia a dia com povos de etnias muito diferentes. Primeiro com os Dinka, na diocese de Rumbek, depois com os Nueres em Niala, na diocese de Malakal, a seguir com os Maadi na diocese de Yei, e agora em Juba, onde convivem todas essas e outras etnias. Vivi com esses povos os grandes momentos de sonho e de esperança, marcados sobretudo pela independência a 9 de julho de 2011. Infelizmente, instalou-se de novo a violência e a morte motivada por diferenças étnicas e religiosas e por disputas de petróleo, culminando na guerra civil em 2025.»

Construir a Esperança é o nosso lema

«Aqui a Igreja é amplamente reconhecida pela sua credibilidade fundamentada no sentido humanitário e na atuação direta junto das populações vulneráveis. Ela fornece serviços básicos essenciais, como saúde, educação, alimentação e abrigo a milhões de pessoas afetadas pela fome e pelos conflitos. Nós, as Irmãs Combonianas, somos parte desse todo, podendo contar com as nossas seis comunidades num total de 45 a 50 irmãs espalhadas em cinco das sete dioceses. Desde o ensino académico na universidade de Juba ao serviço médico e administrativo no “Comboni Hospital” em Wau, a nossa presença silenciosa procura salvar a vida de muitas mães, crianças e jovens, apontando sempre para a nascente de uma esperança viva, em Cristo Jesus.»

Irmã Graça Almeida

Evangelização é Anúncio de Vida Nova

Missão da Ir. Daniela Macari com os Afrodescendentes

A Evangelização na tradição de São Daniel Comboni passa por estar atento às periferias da humanidade. Nas situações de maior sofrimento humano causado pela discriminação, abandono, pobreza e segregação social que escraviza, é onde o anúncio de Jesus que liberta e salva aparece mais urgente. Esse é o lugar onde paramos para contemplar Jesus, que continua a morrer na cruz para restituir ao género humano a dignidade de filhos de Deus, marcando essas vidas com o selo de muito amados.

As Irmãs Combonianas exercem uma ação que se encarna na realidade concreta das pessoas e dos povos, levando a proposta de percorrerem juntos o caminho que leva à Páscoa da Vida.

A este propósito, apresentamos aqui o trabalho que a Ir. Daniela Macari realiza junto das comunidades afroequatorianas, na província de Esmeraldas e no Valle del Chota, com o sentido de, uma vez dada a conhecer, se valorize uma cultura em que as pessoas se esforçam por encontrar as raízes da sua própria existência.

Um contributo educativo livre de preconceitos e racismo

A Ir. Daniela dedica a sua obra «Afrodescendentes para além da Década (dos Povos Afrodescendentes 2015-2024) e das Nações Unidas: Histórias e Contos étnicos e culturais» às novas gerações de adolescentes e de jovens do Equador e do continente americano. Afirma acreditar que a partir do conhecimento e do amor

às próprias raízes existenciais se soltam as asas do sonho e da criatividade, habilitando a pessoa a escrever com uma vida renovada uma história nova, rica de valores e de dignidade.

Os contos nasceram das narrações de rapazes e raparigas afrodescendentes equatorianos de diversos bairros e de jovens de outros continentes, em Quito e Esmeraldas. Assim explica na introdução da edição espanhola, publicada no Amazon em 2025, que o livro “quer enriquecer a história, a cultura, as tradições e a espiritualidade dos povos afrodescendentes”.

Destina-se, portanto, a abrir uma nova janela no conhecimento consciente da história de uma população que abrange cerca de 200 milhões de afroamericanos. A autora admira-se que tão pouco se tenha publicado sobre esta temática e sublinha o facto de ser muito escassa a literatura a circular nas escolas e nos colégios. «Infelizmente», conclui, «a invisibilidade da população afrodescendente e a escassez de documentação em textos escolares continua a manter esta população numa situação de marginalização e de exclusão».

Assim, «Afrodescendentes para além da Década e das Nações Unidas» é um livro que oferece uma leitura de identidade dos afrodescendentes, promove uma educação intercultural e projeta o leitor e a leitora em países onde mais afrodescendentes sonham e lutam por uma nova história afroamericana. O livro encontra-se disponível em língua espanhola, no Amazon, por apenas 0,99 dólares.

Irmã Graca Almeida

Mais de meio século de história

As Irmãs Missionárias Combonianas no Equador trabalham, sobretudo, com as populações Afro e desenvolvem uma pastoral próxima dos jovens. Desempenham a sua missão em estreita colaboração com os Missionários Combonianos (MCCJ) que, em Junho 2025, celebraram 70 anos de presença em Esmeraldas, na mesma altura em que as Irmãs assinalavam 66 anos de presença missionária. Desde que chegaram a Esmeraldas em 1958 até aos nossos dias, foram centenas as missionárias de variados países a percorrerem aqueles caminhos e a deixarem a marca das suas pisadas no anúncio da Boa Nova de Jesus, uma Semente com potencialidade de transformar pessoas e sociedades.



Missão no deserto da Cisjordânia

Desde há 15 anos que as Irmãs Missionárias Combonianas têm uma presença no meio da população nômada, no deserto da Judeia, nas aldeias beduínas da Cisjordânia. Uma missão marcada pela relação de proximidade, seja quando se sentam ao lado das pessoas para as escutar, seja quando se fazem companheiras de viagem vagueando pelo deserto em busca de água e de pastagens.

As Irmãs criaram o curso de corte e costura e bordado palestino intitulado Fios de Paz, onde participam 120 mulheres vindas de 10 aldeias. Para além de criar oportunidades de apoio financeiro e de ajudar na sustentabilidade das famílias, o curso promove a identidade da cultura local.

Apresentamos o diálogo de «A noiva resplandecente» da comunidade de Jahalin, que «brilha como um fio luminoso entre tantas mulheres» e nela se reflecte a promessa de um futuro aberto de esperança.

A Noiva Resplandecente

O meu marido vai deixar-me trabalhar e conduzir! – disse-nos, com um sorriso rasgado, a jovem noiva beduína. Está envolta no seu longo vestido rosa pálido ricamente debruado, tão leve que parecia flutuar com o vento do deserto.

Ela terminou o curso de enfermagem com as melhores notas. Várias clínicas já lhe ofereceram emprego. Alguns meses atrás, rompeu outro noivado – mesmo depois da festa – ao descobrir que o futuro marido não a deixaria exercer a profissão.

– Estudei tanto para ficar em casa? Não! – disse, firme, apoiada pelo carinho da mãe, a sua aliada mais fiel. Hoje celebrámos o seu novo noivado, numa pequena aldeia beduína situada numa montanha do deserto da Cisjordânia, nos territórios palestinos ocupados.

A noiva, que esteve connosco nos acampamentos de verão e no projeto de bordado Fios de Paz, brilha como um fio luminoso entre tantas mulheres.

A festa decorre ao ar livre, no deserto, entre montanhas e colinas douradas pelo pôr do sol, no topo onde fica a sua aldeia.

– O meu filho vai buscá-las. Deixem o carro lá em baixo! – disse-nos a mãe.

O caminho é íngreme, uma verdadeira aventura: doze pessoas amontoadas num jipe, saltando entre pedras e



curvas, roçando o abismo com o coração a bater forte sob o céu estrelado.

No topo, a noite é iluminada com luzes, cantos e risos. Quase todos os rostos nos são familiares. Dança-se, conversa-se, abraçam-se famílias que tiveram que deixar as suas aldeias por medo e que aqui encontraram um lar.

As crianças correm para nos cumprimentar, as mães abraçam-nos com carinho. Aqueles que ainda não nos conhecem ficam surpreendidos com tanta familiaridade. As missionárias são as únicas não palestinas.

E ela, a noiva, está resplandecente. Os seus olhos reflectem a promessa de um futuro aberto, onde a sua inteligência e o seu desejo de servir vão abrir novos caminhos para tantas raparigas beduínas.

A vida não é fácil! Mas continuam a encontrar-se, a dançar, a celebrar. Porque, apesar de tudo, a vida insiste, floresce no meio do deserto – e elas, com uma força suave e obstinada, escolhem não desistir, levantar os olhos, abrir caminhos e viver.

Irmã Cecília Sierra

PROJETO SOLIDÁRIO 2026

IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS

Nesta Páscoa, ajude-nos no programa de educação de jovens do Lar Belém, em Deressie, no Chade, onde 80% das crianças não têm acesso à escolaridade.

O PROJETO DESTINA-SE A:

- Dar ajuda financeira a 25 alunas do Lar Belém, em Deressie, Chade;
- Formar duas jovens na Universidade de Sarh;
- Quatro jovens no Curso Superior de Enfermagem;
- Três jovens em Contabilidade;
- Três jovens para o Ensino Básico.

Estimamos poder angariar donativos no valor de 10.000 euros para ajudar a formação destas jovens.



Contacto no Chade: Ir. Helena Freitas Lourenço
helenacomboniana@gmail.com

Contacto no Porto: Ir. Graça Almeida
evanghoje.irmascombonianas@gmail.com
Tel: 225096967

**Se desejar fazer parte deste projeto,
faça o seu donativo na conta
IBAN PT50 0035 0557 00041132 53006
e identifique o projeto: Lar Belém, Chade.**

**AGRADECEMOS AOS NOSSOS FAMILIARES, AMIGOS E LEITORES DO EVANGELIZAR HOJE
POR TODA A SUA AMIZADE E APOIO, DESEJANDO-LHES UMA FELIZ E SANTA PÁSCOA
EM PAZ E HARMONIA COM A NATUREZA E TODA A HUMANIDADE.
JESUS RESSUSCITADO, NOSSA ESPERANÇA E ALEGRIA, ESTÁ NO MEIO DE NÓS. ALELUIA!**

COLABORE COM UMA BOLSA DE ESTUDO PARA A FORMAÇÃO DE UMA MISSIONÁRIA

Mediante a oferta de 250€, feita de uma só vez ou em prestações.



Queres conhecer a Vida Missionária ?

Irmãs Missionárias Combonianas
Rua Álvaro de Castelões, 496
4200-041 PORTO
irmaarletesantos@gmail.com
Tel. 225 096 967

Ir. Maria do Carmo Bogo
Rua Dr. António Alves Palha, 2
4715-308 BRAGA
evanghoje.irmascombonianas@gmail.com
Tlm. 969 674 952

Ir. Maria Natália Almeida
Rua Daniel Comboni, 122
Bairro de Sta. Eugénia • 3500-031 VISEU
marianataliaalmeida@yahoo.com.br
Tel. 232 424 502 • Tlm. 963 867 761

Contacta-nos !

Ir. Arlete Santos
Rua Cidade de Nova Lisboa, 57
1800-107 – Olivais Sul - LISBOA
irmaarletesantos@gmail.com
Tel. 218 517 640 • Tlm. 914 584 261

COLABORE COM A MISSÃO através do Evangelizar Hoje

Leia • Inscreva-se • Divulgue !

Nome
Morada
Localidade /Cidade Código Postal
Telf. E-mail
Data de Nascimento Data de Inscrição



evangelizar hoje
a voz da mulher na missão

INSTITUTO IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS Caixa Geral de Depósitos • Lisboa • Portugal • Conta IBAN PT50 0035 0557 00041132 53006
EMIÇÃO DE RECIBOS: Envie-nos uma cópia do talão comprovativo do seu donativo (depósito, transferência ou cheque)